

"A vontade de tocar"

Estratégias de uma banda independente para se manter ativa

Gabriel Moreira Monteiro Bocchi



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2942>

DOI: 10.4000/pontourbe.2942

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Gabriel Moreira Monteiro Bocchi, « "A vontade de tocar" », *Ponto Urbe* [Online], 17 | 2015, posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado o 22 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2942> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2942

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 Abril 2019.

© NAU

"A vontade de tocar"

Estratégias de uma banda independente para se manter ativa

Gabriel Moreira Monteiro Bocchi

1 "A vontade de tocar"

Estratégias de uma *banda independente* para se manter ativa.

(Re)definindo o circuito

- 2 A trajetória da banda Dance of Days, sujeito deste artigo, se inicia no ano de 1997. A banda foi criada na cidade de São Paulo pelo vocalista Nenê Altro, com a proposta de tocar músicas próprias com influências dos estilos musicais do rock, punk rock e hard core – estes dois últimos caracterizados por guitarras distorcidas, ritmos acelerados e vocais em que frequentemente o conteúdo verbal é incompreensível em uma audição não acompanhada pela leitura das letras.
- 3 A banda lançou oito cd's de estúdio, quatro ep's¹, dois dvd's ao vivo e um split². Realizou diversas turnês, fazendo shows em distintos estados do Brasil. Entre 2005 e 2014 a banda teve uma formação constante, apenas com a saída de um guitarrista no ano de 2011. Em junho de 2015, após mudanças na formação da banda, a adição de outro guitarrista e a troca do baterista, o grupo anunciou um hiato em suas atividades.
- 4 No período de realização deste trabalho de campo³ o Dance of Days era composto por: Nenê Altro no vocal, Marcelo Verardi na guitarra, Fausto Oi no baixo e Samuel Rato na bateria. Todos os integrantes da banda desempenham outras atividades profissionais: Nenê é escritor e trabalha no lançamento de CD's e coletâneas envolvendo outras bandas com seu *selo*⁴, Marcelo é proprietário de uma estamparia de camisetas e roupas em geral, Fausto trabalha como lojista na Galeria do Rock⁵, na região central de São Paulo, e Samuel é proprietário de uma oficina de costura e produtor e vendedor de cervejas artesanais. As atividades remuneradas da banda, assim, não são a única fonte de renda de nenhum destes músicos.
- 5 O presente relato sustenta-se a partir dos shows da banda em que estive, na situação de etnógrafo, entre fevereiro e junho de 2014. Seleccionei eventos que ocorreram em distintos

lugares, tanto no que tange às especificidades do local em que ocorreram as apresentações, quanto no que diz respeito ao local na cidade de São Paulo.

- 6 Nenhum dos eventos abrangeu públicos amplos, visto que dos shows em que estive o que contou com maior público foi acessado por cerca de 150 pessoas. Assim, considerando outro termo nativo, estes eventos são considerados *alternativos* à música popular. Pude pensar os significados atribuídos a este termo sob duas perspectivas distintas: frequentando os shows entre o público e me inteirando dos procedimentos para realização destes⁶. Registrei também distintos modos de comportamento dos públicos presentes nestes eventos no que tange à corporalidade em locais distintos entre si.
- 7 A partir da ida a shows em locais com características distintas, da participação no agendamento de um show e da realização de uma entrevista semi estruturada com um dos membros da banda, conversas informais com outros e com diversos interlocutores de campo (pessoas que compunham o público dos shows, músicos que tocaram nos mesmos eventos), organizei dados acerca do que representa para estes a categoria de *independente* outorgada à banda e algumas estratégias desta para se manter ativa em um circuito específico.
- 8 Para tal análise parto da categoria analítica *circuito*, tanto em termos trabalhados por (Magnani, 2005) quanto em termos nativos registrados durante as idas ao campo de pesquisa. Em artigo intitulado “Os circuitos dos jovens urbanos” (Magnani, 2005), o autor discorre com maior atenção sobre tal categoria, definindo-a como:

“(…) uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. A noção de circuito também designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contigüidade, como ocorre na mancha ou no pedaço. Mas ele tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser identificado, descrito e localizado”. (Magnani, 2005, p. 179, grifos meus).
- 9 Assim foi possível elaborar entendimentos acerca do circuito percorrido tanto pela banda quanto pelos fãs desta, e de como a atuação dos membros do Dance of Days, desenvolvendo múltiplas tarefas para que a banda se mantenha ativa, define seu modo de organização.

Cervejazul Music Club

- 10 Iniciei a etnografia indo ao show no bar “Cervejazul Music Club”, chamado apenas por “Cerveja Azul”, na Praça Ciro Pontes, no bairro da Mooca, em São Paulo, no dia 23/2/2014. Este evento, no começo da noite de um domingo, teve apresentações de mais quatro bandas além do Dance of Days, que encerrou o evento, ao que notei durante o mesmo, sendo aguardado pelo público como “banda principal”.
- 11 A casa em que ocorreram estes shows situa-se próximo a duas grandes avenidas, bares, lanchonetes, um posto de combustíveis (que conta com loja de conveniência, acessada pelo público do evento antes da entrada no mesmo para compra de cerveja a preço inferior do cobrado dentro da casa) e um hipermercado. Está também próximo das

estações Bresser-Moooca do metrô, e Moooca dos trens da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM).

- 12 O ingresso para o show era vendido na porta do evento ao custo de R\$20,00. Não houve venda antecipada, tampouco confecção dos mesmos em uma gráfica. Ao pagar o valor da entrada era entregue um papel numerado com o escrito "Dance" feito à mão pelo rapaz responsável pela portaria, o qual deveria ser apresentado para este caso se desejasse sair para fumar⁷.
- 13 O interior do Cerveja Azul é dividido em dois espaços, um para os shows, um salão com um palco ao fundo, e outro com o bar, conectados por meio de um corredor. As mesas no espaço do bar eram utilizadas pelas bandas para expor os materiais de suas *banquinhas*⁸, sendo os responsáveis pelas vendas os próprios membros das bandas, que realizavam o revezamento de, enquanto uma banda tocava, membros de outra ficavam responsáveis pela *banquinha* daquela.
- 14 O trânsito entre os dois espaços era frequente, tanto por membros das bandas, que se revezavam entre cuidar dos materiais à venda e assistir trechos dos shows preliminares, quanto por parte do público que ia ao salão do bar para comprar bebidas e retornava ao espaço dos shows.
- 15 Os shows começaram por volta das 18h, durando cerca de 30 minutos cada. Encerradas as apresentações das bandas de abertura, às 20h30 o Dance of Days iniciou a organização do palco, sendo auxiliados por "Deco", que à época desempenhava as funções de fotógrafo e *roadie*⁹ para a mesma. O show do Dance of Days iniciou-se alguns minutos adiante, o salão com o palco atingiu a maior lotação durante a noite. Antes do início do show, ainda, pude observar alguns jovens, garotos e garotas, próximos ao palco realizando exercícios de alongamento musculares nos braços, pernas e pescoços.
- 16 Este show do Dance of Days no Cerveja Azul teve muito do que é exposto pelos membros e pelos fãs da banda como corrente nos shows: pessoas a frente do palco dançando junto às músicas, chocando os corpos uns contra os outros em níveis de intensidade que acompanham o ritmo das músicas: quanto mais rápida e *agressiva* é a música, maior força e maior contato é colocado no encontro dos corpos. Quando muito intensa esta movimentação recebe o nome de *bate cabeça*, *moshpit* ou *roda*, ocorrendo a formação de um círculo no centro do salão, onde as pessoas chocam membros do tronco umas às outras; se algum dos presentes na *roda* cai ao chão, é rapidamente levantado pelos que estão próximos.
- 17 Demais pessoas na plateia acompanhavam o show sem desenvolver estas corporalidades, ocupando espaços que não eram utilizados como parte do *moshpit*. Os jovens que realizavam alongamento muscular antes do show eram os mais ativos na *roda*.
- 18 Outra prática realizada era a do *stagediving*, na qual a pessoa sobe ao palco¹⁰ e em seguida volta à pista pulando sobre o público presente a frente do palco, que se esforça por segurar a pessoa por sobre os seus ombros e cabeça.
- 19 O show acabou às 22h, e observei que a maioria do público saía da casa e seguia a pé na direção da estação Bresser-Moooca do metrô.

Auditório da Livraria Cultura

- 20 Em 26/4/2014, um sábado, fui ao show do Dance of Days no auditório da Livraria Cultura do Shopping Bourbon, próximo à estação Barra Funda de metrô e trens da CPTM. Este show fazia parte de um evento organizado por esta rede de livrarias, em que diversas apresentações musicais ocorrem gratuitamente nas unidades desta livraria.
- 21 Durante a semana que precedeu o evento foi divulgado por meio das páginas em redes sociais virtuais¹¹ da banda que haveria distribuição de ingressos uma hora antes do início do evento, agendado para as 13h, pois o mesmo ocorreria em um auditório que conta com cerca de 125 cadeiras fixas.
- 22 Cheguei à livraria quinze minutos antes do horário marcado para o início da apresentação, e fui informado por uma funcionária que os ingressos estavam esgotados. Em tom de voz mais baixo, me orientou a permanecer no local, indicando que após a entrada de todos com ingressos, seria liberada a entrada dos demais.
- 23 Permaneci próximo ao auditório junto das pessoas que em breve formariam o público do show, funcionários da livraria, membros da banda e amigos destes. Marcelo, guitarrista da banda, me reconheceu e se aproximou de mim, já ciente de que eu realizava uma pesquisa tendo como objeto desta alguns shows da banda. Após se surpreender com a minha informação de que os ingressos estavam esgotados, classificou o espaço como “diferente do que estamos acostumados”. A respeito do auditório com cadeiras comentou: “a gente não sabia como era aqui, aí íamos fazer o mesmo *set*¹² do Kazebre¹³, mas quando vimos achamos melhor tocar só umas músicas mais tranquilas, pra galera não *empolgar*¹⁴ muito e não dar problema”.
- 24 Às 13h o auditório foi aberto, pessoas que tinham uma pulseira feita em papel, que era o ingresso distribuído antecipadamente, entravam. A funcionária da livraria que me orientou a permanecer próximo da porta autorizou a entrada de pessoas sem a pulseira após o ingresso de todos que a possuíam. Observei que a entrada de público e banda se deu conjunta e simultaneamente por esta mesma porta.
- 25 O palco deste auditório é baixo, no nível do chão a frente do mesmo, e já estava organizado com os instrumentos da banda quando os fãs acessaram o local. Enquanto as pessoas entravam e se estranhavam com as cadeiras fixas, os membros da banda se posicionavam no palco. Fausto, o baixista do grupo, colocou no pedestal do microfone, de frente para o público, um cartaz do show que a banda realizaria na semana seguinte, no dia 1º de Maio na casa onde residia o vocalista da banda.
- 26 O espaço – um auditório em um shopping – era comentado com estranhamentos, tanto pelo público quanto pela banda. Dois rapazes comentavam sobre a banda tocar neste espaço, distinto do que lhe é comum, tomando-o como o alcance de um status diferenciado: “eu fico orgulhoso de ver eles aqui, pode ter quem critique, mas você vê uma banda que você curte tocando aqui, tem que ficar orgulhoso”. Para Marcelo este status diferenciado se dava em razão do shopping ser em uma região que definiu como “mais nobre da cidade”.
- 27 Antes do começo da primeira música, Nenê agradeceu a presença das pessoas e brincou ao microfone: “é um ambiente meio diferente do que estamos acostumados, mas a gente vai tocar do mesmo jeito de sempre”. Fausto também demonstrou estranhamento com a

situação, comentando entre risos: “é engraçado ver todo mundo sentado, dá vontade de ficar pulando enquanto toco, mas vou parecer um palhaço”.

- 28 Durante o show a grande maioria do público permaneceu sentada nas cadeiras, e algumas pessoas em pé nos corredores laterais, no entanto, sem realizar movimentos corporais intensos. Na última música tocada, estimuladas pela fala de Nenê de que “é a última, vamos chegar mais perto”, as pessoas se levantaram e se aglomeraram a frente do palco, sem realizar *rodas* ou *stagedivings*.

Casa Moxei

- 29 Se o intuito com a pesquisa era identificar o circuito e as estratégias de atuação da banda, esta terceira apresentação representou um contexto distinto ao dos shows anteriores. Intitulado “show de quintal”, o evento seria realizado no feriado de primeiro de maio, na “Casa Moxei”, nome dado a casa onde residiam Nenê Altro, sua esposa, Nicolle, e integrantes de outra banda de hard core. A casa leva o nome da rua em que está situada, que, conforme indicado no cartaz do evento, localiza-se “próxima à estação lapa (linha rubi)” de trens da CPTM, indicando já para a possibilidade de grande parte do público locomover-se por meio de transporte público.
- 30 No cartaz também eram enfatizados o horário do evento, começando às 14h e terminando às 18h30, e informações sobre os ingressos, vendidos antecipadamente a R\$20,00 na loja em que trabalha Fausto, na Galeria do Rock, ou mediante reserva através do e-mail do *selo* administrado por Nenê.
- 31 No dia do show cheguei à casa um pouco depois das 14h, e, após cumprimentar Nenê e Nicolle, que abriam o portão da casa para aqueles que chegavam, fui recebido por Fausto e sua esposa, Marisa, que cuidavam da bilheteria, montada próxima a porta entre a garagem e o corredor de acesso ao quintal. Seguindo pelo corredor, estava montada a *banquinha*, que expunha materiais do Dance of Days e outros lançados por Nenê Altro, como cópias do zine “anti mídia”, lançado no show no Cerveja Azul.
- 32 Mais a frente, ainda no corredor, à esquerda, a janela da cozinha era utilizada como local para venda e compra de bebidas, dando-se ênfase, desde o período de divulgação do evento através das redes sociais virtuais da banda, para a venda de “cervejas artesanais”, produzidas por Samuel, baterista do grupo, e de *rango vegano* (sanduíches sem qualquer tipo de alimento com origem animal). Samuel, inclusive, auxiliado ora por Deco (fotógrafo e *roadie* da banda), ora por Marisa e Aline (namorada de Samuel), era o responsável pelo bar.
- 33 Nos dias anteriores ao evento a banda divulgou em suas redes virtuais que haveria impressão da imagem do cartaz em camisetas, convidando aqueles que fossem ao evento a levar camisetas em cores claras. O responsável pela impressão das camisetas seria Marcelo que, conforme apontado anteriormente, além de guitarrista do grupo é proprietário de uma estamparia de roupas, sendo responsável pela criação das camisetas e blusas que são vendidas pelo Dance of Days. O espaço da casa utilizado para as impressões era a lavanderia.
- 34 Após este cômodo chegava-se à parte do quintal em que ocorreriam os shows. O espaço destinado ao público formava um quadrado, sendo o espaço destinado à banda, com seus equipamentos, montado em outro quadrado, a frente de um dos lados de uma edícula, em formato de “L” ao fundo do quintal. A laje da edícula, ainda, seria utilizada como local

para a montagem de equipamentos de filmagem e permanência de fotógrafos. Fausto e Marcelo, auxiliados por Jair Naves, músico que realizaria a apresentação de abertura do evento, organizavam as caixas de som.

- 35 É relevante observar a organização da área externa da casa em semelhança a de uma casa de shows convencional, como o Cerveja Azul: há o espaço da bilheteria, o da *banquinha*, o do bar e, por fim, a área para o show.
- 36 Duas apresentações preliminares ocorreram no formato “voz e violão”, Ives Seixas, que se apresentou como idealizadora do projeto “Andorinha Só”¹⁵, e Jair Naves. Acompanhadas por parte do público sentado ao chão do quintal e outra parte formando a fila para estampar suas camisetas.
- 37 Às 17h o Dance of Days iniciou o seu show, acompanhado de perto pelo público, que, completamente de pé, ocupava desde a frente do espaço destinado à banda até o início do corredor do quintal. Por não haver um palco montado, apenas compreendi o limite entre o espaço do público e o da banda quando subi na laje da edícula, e constatei que praticamente não havia divisão, sendo frequente que o vocalista da banda pedisse às pessoas que dessem “um passo para trás”.
- 38 O público participava das músicas cantando-as e desenvolvendo performances corporais tais como descritas no show no Cerveja Azul, e de maneira inversa ao que observei no show na Livraria Cultura.
- 39 Durante a apresentação de Ives Seixas, conversei com Jair, Marcelo e Fausto. Jair me explicou que este tipo de evento, realizado em uma casa particular “é reflexo do mercado, está sem espaço pra bandas assim, autorais”. Fausto confirmou este comentário, adicionando: “se não tem espaço por ai pra gente tocar, a gente faz no *do it yourself* mesmo”.
- 40 Marcelo me explicou como foi a organização do evento: os equipamentos de som utilizados eram dos membros da banda e dos demais moradores da casa, a divulgação foi realizada pelos membros do Dance of Days, e concluiu sua fala afirmando: “tem que ser *do it yourself*”. Esta categoria foi explicada por ele comparando a atuação da banda no evento da Livraria Cultura: “lá a gente chegou, colocou as coisas e tocou, não teve que fazer nada, aqui é tudo a gente”. Perguntei ainda se haviam recebido cachê da livraria, recebendo como resposta: “não, mas eles compraram cd’s nossos para revender lá”.
- 41 A categoria *do it yourself*, valorizada na *cena* e no *circuito* em que a banda se insere, são relevantes para pensar este evento. *Fazer você mesmo* envolveu limpar e organizar a casa, antes e após o evento, montar os equipamentos de som, produzir e vender as cervejas, realizar a venda dos ingressos, estampar camisetas com a arte do cartaz e, por fim, tocar.

Considerações finais

- 42 Ao término desta etnografia compreendi que para os integrantes do Dance of Days, importa menos se o show será realizado em uma casa de shows, em um quintal ou em um auditório, o importante é tocar para pessoas que se interessem por suas músicas. As negociações para os shows se dão de maneira flexível, visualizando que, tanto banda quanto produtores, não sofram prejuízos econômicos após os eventos. Assim, a dimensão financeira não é ignorada, no entanto, não é a questão central.

- 43 Para realizar os shows a banda se vale de estratégias diversas: tocar sem receber pagamento em um espaço não habitual para a banda, mas entendido como coerente à organização da banda e passível de gerar uma repercussão diferenciada à mesma; realizar o show na casa de um dos integrantes da banda, com os demais membros participando ativamente da logística para a realização deste; produzir as próprias peças de publicidade de shows e produtos de merchandising, como camisetas.
- 44 Se as atividades da banda não são a principal fonte de renda dos integrantes, que desempenham outras atividades remuneradas, e os seus shows ocorrem sumariamente aos finais de semana e feriados, observo a relação entre membros da banda e a qualificação desta como *independente* por duas vias: a primeira é que os próprios integrantes são independentes à banda, assim, as atividades da banda serviriam aos integrantes como uma realização de lazer. Portanto, um show do Dance of Days pode ser compreendido como um evento de lazer, tanto para o público, quanto para os próprios músicos.
- 45 Para compreender o que é para o Dance of Days se pensar como uma *banda independente* são relevantes as questões ligadas à autonomia nas ações da banda, focada em desenvolver as atividades, relações e negociações mantendo certa informalidade entre os sujeitos. Para a organização dos shows em que estive não houve a presença de quaisquer tipos de contratos assinados por nenhuma das partes. Exceto a venda de CDs para a Livraria Cultura, tudo o que foi realizado foi fruto de acordos verbais ou mediante troca de e-mails. Este é o proceder da banda, conforme me explicara Fausto, nos acordos que a banda firma com patrocinadores e demais produtores de eventos.
- 46 A banda se insere em uma cena específica, a de bandas de estilo musical hard core, no entanto, a banda cria o seu próprio circuito, como uma forma de manejo da autonomia exacerbada pelos integrantes. Assim é viável que em uma madrugada seja realizada uma apresentação em uma casa de shows convencional, e, no início da tarde do mesmo dia, que outro show ocorra em um auditório de uma livraria em um shopping. O circuito de locais acessados pelo Dance of Days para a realização de shows pode ser “identificado, descrito e localizado” (Magnani, 2005, p. 179) a partir da confirmação de um show desta banda em um local “que não mantém entre si uma relação de contiguidade espacial” (Magnani, 2005, p. 179).
- 47 Quando os integrantes da banda se pensam como uma *banda independente* estão valorizando o próprio intuito de que não existam contratos outros além da própria vontade da banda em manter-se como um conjunto musical ativo, fazendo shows e lançando músicas novas. Como dissera Fausto em entrevista: “acho que você ser independente por tanto tempo também tem que levar em conta isso: a vontade de tocar”.

BIBLIOGRAFIA

- FRÚGOLI JR., Heitor. 1992. Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico, in, Silvana M. Pintaudi e Heitor Frúgoli Jr (orgs.), *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*, São Paulo, Ed. da Unesp, p. 75-92.
- MAGNANI, José Guilherme C. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), p. 11-29.
- 2005. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, nº 2.
- MORAES, Lucas Lopes de. 2013. Fixando significados: práticas de consumo e processos de construção de identidades como rituais cotidianos. *Perspectivas*, São Paulo, v. 43, p. 83-109, jan./jun.
- WACQUANT, Loic. 2002. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro/RJ, Ed. Relume Dumará.
- <http://www.leiantifumo.sp.gov.br/usr/share/documents/legislacao.pdf>
- <https://www.youtube.com/watch?v=G5OrqIMR-ps> (entrevista Dance of Days em 2009).
- <https://www.youtube.com/watch?v=qDjr76FQHgI> (entrevista Dance of Days em 2010).
- <http://www.zinebook.com/resource/wright1.html>

NOTAS

1. Um EP é um CD ou compacto em vinil com quantidade reduzida de músicas, de duas a quatro.
2. Split é um CD ou LP com músicas de duas bandas.
3. Realizado como trabalho final da disciplina “tópicos de antropologia urbana”, oferecida pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social e ministrada pelo Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani no primeiro semestre de 2014.
4. Um *selo*, conforme explicado por Fausto, baixista da banda, em entrevista que realizei com este, é uma produtora, distribuidora e/ou revendedora de materiais relacionados a bandas e artistas *independentes*.
5. Nome atribuído ao “Shopping Center Grandes Galerias” em razão das muitas lojas especializadas em LP’s, CD’s e acessórios de bandas de rock. A Galeria do Rock, ao longo das décadas de 1980 e 1990, tal qual os shoppings centers, configurou-se em São Paulo como sendo não só um local para compras de produtos, mas também relevante local para encontros e sociabilidade, ver Frúgoli (1992), Magnani (2005), Moraes (2013).
6. Como parte do trabalho de campo, participei de maneira observante da produção de um show do Dance of Days. Guardando as devidas especificidades, no sentido de que Loic Wacquant (2002) empenhou-se em tornar-se praticante de uma modalidade esportiva quando se dedicou a estudar uma academia de boxe em Chicago, nos EUA. No caso do presente relato fui sujeito ativo no agendamento e organização de um show do Dance of Days na cidade de Marília/SP, cujos dados foram suprimidos deste relato visando adensar a reflexão sobre a circulação da banda na cidade de São Paulo.

7. Em razão da lei estadual Nº13.541 que especifica no artigo 2º: “Fica proibido no território do Estado de São Paulo, em ambientes de uso coletivo, públicos ou privados, o consumo de cigarros, cigarrilhas, charutos ou de qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco”, as pessoas que desejam fumar precisam sair de dentro de casa e permanecer na calçada para realizar tal ação. Ver: <http://www.leiantifumo.sp.gov.br/usr/share/documents/legislacao.pdf> (acesso em 18/11/2015).
 8. Termo nativo que designa o espaço em que materiais das bandas como CD's, camisetas e bottons são expostos e colocados à venda.
 9. *Roadie* é aquele ou aquela que auxilia os membros da banda na montagem e carregamento de seus equipamentos.
 10. Nos shows do Dance of Days, e nos de outras bandas independentes em que estive, notei ser comum não haver quaisquer divisões físicas ou presença de agentes de segurança entre os espaços destinados ao público e o espaço das bandas. Diferentemente de shows ditos *grandes*, realizados em casas de shows com capacidades para grandes públicos e/ou festivais de grande apelo midiático, realizados em locais abertos, como estádios de futebol.
 11. Tais como facebook, twitter e instagram.
 12. Expressão utilizada para se referir ao *setlist*, lista de músicas tocadas em um show.
 13. “O Kazebre” é uma casa de show nos moldes do “Cerveja Azul”, localizada na Avenida Aricanduva, na região de São Matheus, na Zona Leste de São Paulo. O Dance of Days havia tocado lá na madrugada daquele sábado.
 14. A categoria “empolgar” suscitada por Marcelo dizia respeito às *rodas*, acesso ao palco e *stagedivings*.
 15. Em que Ives circula por cidades tocando em eventos informais e espaços públicos, “passando o chapéu” a cada apresentação para coletar dinheiro entre as pessoas que a assistem.
-

RESUMOS

Neste relato de campo, elaborado a partir de etnografia realizada por mim em interação com os integrantes de uma banda de rock da cidade de São Paulo, o Dance of Days, em que estive em shows desta banda entre fevereiro e junho de 2014, em locais de características distintas entre si, na cidade de São Paulo. A partir destes eventos, do diálogo com distintos sujeitos deste campo e de entrevista realizada com um dos membros da banda, aciono a categoria analítica circuito com as categorias nativas banda independente e do it yourself, realizando alguns apontamentos sobre as estratégias desta banda para se manter em atividade constante.

This field reports an ethnographic encounter with members of a rock band called Dance of Days, during their performance nights in markedly different places in São Paulo. By means of these events, the conversations with different subjects of this field and an interview carried out with a band member, I intertwine the analytical category of circuit with native categories of indie band and do it yourself, highlighting some of the band strategies to keep in constant activity.

ÍNDICE

Keywords: Circuit, youth, urban ethnography, indie music, observant participation.

Palavras-chave: Circuito, Jovens, Etnografia urbana, Música Independente, Participação observante.

AUTOR

GABRIEL MOREIRA MONTEIRO BOCCHI

Mestrando no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da USP.

gabrielmoreiramonteiro@yahoo.com.br